A História Oculta do Versículo Quarenta - Número Trinta e Três

Ezequiel Número Quatorze

Jeff Pippenger
2026-10-27

Nos capítulos quatro e cinco de Gênesis, a genealogia de Caim é contraposta à genealogia de Sete.

O bom Lameque e o mau Lameque

As duas linhagens representam o contraste entre os perdidos e os salvos, e alguns dos descendentes dessas duas linhagens representam ‘símbolos de descendentes’ paralelos das linhagens contrastadas. Caim representa uma classe que não sente arrependimento pelo pecado e apenas lamenta a própria condição.

> E disse ele: Que fizeste? A voz do sangue de teu irmão clama a mim desde a terra. E agora maldito és tu desde a terra, que abriu a sua boca para receber da tua mão o sangue de teu irmão; quando lavrares a terra, ela não mais te dará a sua força; fugitivo e errante serás na terra. E Caim disse ao Senhor: O meu castigo é maior do que posso suportar. Eis que hoje me expulsaste da face da terra; e da tua face ficarei oculto; e serei fugitivo e errante na terra; e acontecerá que todo aquele que me encontrar me matará. E o Senhor lhe disse: Portanto, sobre quem matar Caim recairá vingança sete vezes maior. E o Senhor pôs um sinal em Caim, para que ninguém que o encontrasse o matasse. E Caim saiu da presença do Senhor e habitou na terra de Node, a leste do Éden. Gênesis 4:10–16.

Caim representa uma classe de impenitentes que se concentram apenas em sua própria condição lastimável, na qual eles mesmos se colocaram ao se recusarem a procurar fazer o bem.

> Mas não atentou para Caim nem para a sua oferta. E Caim ficou muito irado, e o seu semblante se abateu. E o Senhor disse a Caim: Por que estás irado? E por que está abatido o teu semblante? Se fizeres o bem, não serás aceito? E, se não fizeres o bem, o pecado jaz à porta. E para ti será o seu desejo, e tu dominarás sobre ele. Gênesis 4:5–7.

Seis Mortes—Três Alfas e Três Ômegas

Nos últimos artigos, identificamos Enoque como símbolo do primeiro anjo, Lameque como símbolo do segundo anjo, Matusalém como o clamor da meia-noite e Noé como o terceiro anjo. Lameque, da linhagem de Sete, morreu aos setecentos e setenta e sete anos, cinco anos antes do dilúvio, ocasião em que morreu Matusalém. À morte de Lameque seguiu-se, cinco anos depois, a morte de Matusalém, e suas mortes, portanto, tipificam a morte da esposa de Ezequiel, à qual se seguiu, um ano e meio depois (1,5), a morte de Jerusalém, a esposa do Cordeiro.

> E eu, João, vi a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, preparada como uma noiva adornada para seu marido. Apocalipse 21:2.

As mortes alfa da esposa de Ezequiel e de Lameque, que se conectam às mortes ômega de Jerusalém e de Matusalém, tipificaram a morte de João Paleólogo, seguida, cinco anos depois, pela morte de Constantino XI nas muralhas de Constantinopla. A linha de Lameque identifica cinco anos, com um período de sete dias de migração de animais ao final. A linha de Roma Oriental representa cinco anos e também um período de quatro anos dentro do período total de cinco anos. A linha de Ezequiel representa tanto dois anos quanto um ano e meio (1,5). A linha de Ezequiel referente à destruição de Jerusalém por Babilônia alinha-se com a segunda destruição de Jerusalém por Roma, de 66 a 70. A linha romana da destruição de Jerusalém produz tanto um período de quatro anos quanto um período de três anos e meio. Cada uma dessas quatro linhas simbólicas produziu não um, mas dois períodos simbólicos em seu testemunho profético.

Lameque, João Paleólogo e a esposa de Ezequiel representam o marco alfa de um período de tempo que termina com uma morte ômega. Duas das três linhas representam um cerco que termina com a morte de seus respectivos correspondentes. A outra termina com a entrada dos animais na arca. O correspondente ômega alinha o dilúvio de Noé com a destruição de Jerusalém e a destruição das muralhas de Constantinopla. Os três símbolos ômega representam o encerramento do tempo de graça por ocasião da iminente lei dominical.

É claro que não houve cerco no testemunho da arca de Noé, mas teria sido necessária uma rampa para permitir a entrada na arca. Se a rampa de carregamento for considerada uma prefiguração de uma rampa de cerco, então todos os três testemunhos de morte identificam um cerco. Na linha romana da destruição de Jerusalém, de 66 a 70, houve um cerco conduzido por Céstio em 66 e um segundo cerco conduzido por Tito em 70.

Quatro anos

Os quatro anos que se encerram com o cerco de Constantinopla em 1453 representam o segundo período de quatro anos da profecia islâmica dos “cinco meses” em Apocalipse 9. O primeiro período de quatro anos da profecia dos “cinco meses” estendeu-se de 1333 a 1337, no cerco de Nicomédia. Esse cerco também representou a conclusão de trinta e oito anos contados a partir de 27 de julho de 1299. Duas destruições de Jerusalém, uma destruição de Constantinopla, o dilúvio e o cerco de Nicomédia são cinco testemunhas da campanha de Pânio de 200 a.C. a 198 a.C., a qual seria uma sexta testemunha, e há várias outras.

Ambas as destruições de Jerusalém são facilmente alinhadas, “linha sobre linha”. O dilúvio e a linha de Roma Oriental são alinhados pelas mortes alfa e ômega comuns a ambos. A campanha de Pânio está especificamente alinhada com a linha de Ezequiel de 587 a.C., pois ambos os períodos de cerco representam dois anos. Pânio é representado no versículo quinze de Daniel onze, que precede o versículo dezesseis, o qual representa a iminente lei dominical, assim como o fizeram as destruições de Jerusalém em 586 a.C. e 70 d.C. O período de dois anos da batalha de Pânio e do cerco de Sidom insere cada uma dessas linhas na história oculta de Daniel onze, versículo quarenta.

Um Sinal

O primeiro marco profético dos cercos que culminaram nas duas destruições de Jerusalém representa um sinal; Céstio, no ano 66, e a morte da esposa de Ezequiel foram ambos sinais alfa. Lameque é também o primeiro marco e, portanto, com base no testemunho de dois, Lameque também é um sinal. Sua idade de 777 anos representa o sinal da igreja triunfante, que é composta de três elementos: um profeta, um sacerdote e um rei.

> Além disso, também lhes dei os meus sábados, para servirem de sinal entre mim e eles, a fim de que soubessem que eu sou o Senhor que os santifica. Ezequiel 20:12.

300 anos

Enoque, que era o sétimo a contar de Adão na linhagem de Sete, andou com Deus durante 300 anos e foi levado ao céu. '300' é um símbolo dos trezentos diagramas pioneiros de 1843, dos trezentos pregadores mileritas correspondentes e também do exército de trezentos homens de Gideão. Enoque, os pregadores mileritas e os trezentos de Gideão representam os cento e quarenta e quatro mil. Sansão apanhou 300 raposas e as amarrou aos pares, identificando assim 150 e um símbolo cujos elementos estão atados entre si e que totaliza trezentos.

> E Sansão foi e apanhou trezentas raposas, tomou tochas, juntou-as cauda com cauda e pôs uma tocha entre cada par de caudas. E, depois de atear fogo às tochas, soltou-as nas searas dos filisteus e queimou tanto as medas como as searas, juntamente com as vinhas e os olivais. Juízes 15:4, 5.

As duas profecias de cinco meses relativas ao islã, no capítulo nove do Apocalipse, identificam "fogo" e "caudas" como características do islã.

> E assim vi, na visão, os cavalos e os que os montavam, os quais tinham couraças de fogo, de jacinto e de enxofre; e as cabeças dos cavalos eram como cabeças de leões, e de suas bocas saíam fogo, fumaça e enxofre. Por estes três foi morta a terça parte dos homens: pelo fogo, pela fumaça e pelo enxofre que saíam de suas bocas. Pois o seu poder está em suas bocas e em suas caudas; porque suas caudas eram semelhantes a serpentes e tinham cabeças, e com elas causam dano. Apocalipse 9:17–19.

O poder do Islã está tanto em suas bocas quanto em suas caudas.

> E tinham caudas semelhantes às dos escorpiões, e havia aguilhões em suas caudas; e o seu poder era o de ferir os homens durante cinco meses. E tinham sobre si um rei, que é o anjo do abismo, cujo nome em língua hebraica é Abadom, mas em língua grega é Apoliom. Apocalipse 9:10, 11.

O poder do islã de atormentar e matar está tanto em suas bocas quanto em suas caudas, que saem de suas bocas e caudas.

> Por isso, o Senhor cortará de Israel a cabeça e a cauda, o ramo e o junco, num só dia. O ancião e o homem de respeito são a cabeça; e o profeta que ensina mentiras é a cauda. Pois os líderes deste povo o induzem ao erro; e os que por eles são guiados são destruídos. Isaías 9:14–16.

O islã e Israel estão profeticamente ligados, pois ambos são filhos de Abraão, e, em cada linha, a "cabeça" é o "ancião e homem de respeito" e a "cauda" é "o profeta que ensina mentiras". No islã, o antigo profeta que ensinou mentiras é Maomé. O Alcorão representa as mentiras que motivam os gafanhotos do islã, e o ancião e homem de respeito é a sua liderança política. O islã é dirigido por um poder estatal (boca), que é motivado pelas mentiras do Alcorão (cauda). As trezentas raposas de Sansão foram divididas em dois grupos de cinco meses que devem atormentar e matar por meio do fogo, da fumaça e do enxofre.

Fogo, Fumaça e Enxofre

O fogo, a fumaça e o enxofre apresentam as características proféticas dos três anjos. O primeiro e o último são tipos de fogo. A raiz de "enxofre" representa um lampejo divino. O fogo é símbolo de uma mensagem; a fumaça é o efeito da mensagem, e o enxofre identifica uma mensagem religiosa. Os três são contrafações da verdadeira mensagem dos três anjos de Apocalipse quatorze. A couraça de ferro é representada por fogo, jacinto e enxofre. Ela é uma contrafação do peitoral do sumo sacerdote. O peitoral do sumo sacerdote representa os cento e quarenta e quatro mil como doze joias humanas que estão unidas à Divindade, representada pelo Urim e pelo Tumim. O jacinto da Antiguidade era de um azul-negro escuro ou de um púrpura sombrio. O jacinto da couraça do Islã corresponde à fumaça que sai das bocas (Estado) e das caudas (igreja) do Islã.

O fato de Enoque ter sido trasladado ao céu após ter andado com Deus por 300 anos associa o número 300 à mensagem do primeiro anjo, que chegou em 1798. Essa mensagem do primeiro anjo foi revestida de poder em 11 de agosto de 1840, com o cumprimento da profecia dos cinco meses de Apocalipse nove. Os dois períodos de cinco meses do capítulo estão ligados entre si, linha sobre linha. Só recentemente se compreendeu que os cinco meses do versículo cinco e os do versículo dez são dois períodos distintos de cento e cinquenta anos. Quando essa verdade foi reconhecida, Sansão amarrou as raposas umas às outras, formando cento e cinquenta pares de raposas.

Na história profética de Sansão (cujo nome significa "sol"), a "fumaça" que saiu do abismo quando a chave foi representada pela batalha de Nínive encobriu o sol com trevas. Os mileritas identificaram corretamente o obscurecimento do sol pela fumaça do abismo islâmico como o encobrimento do evangelho de Cristo, representado pelo sol (Sansão). Há várias outras conexões entre o testemunho de Sansão e o islã dos capítulos nove a onze do Apocalipse.

O número três aparece na história de Sansão nos três dias de que os convidados do casamento dispunham para decifrar o enigma. Sansão se relaciona com três mulheres: sua esposa de Timna, a prostituta e Dalila. O Espírito do Senhor vem sobre Sansão três vezes: no episódio do leão, em Ascalom e em Leí. Sansão dá a Dalila três respostas falsas antes de lhe dizer a verdade. O número três representa a Divindade, bem como a falsa divindade formada pelo dragão, pela besta e pelo falso profeta, e também a composição tríplice da igreja triunfante.

Trinta é o número de um sacerdote, e trinta companheiros foram levados à festa de casamento de Sansão. Então, Sansão apostou trinta lençóis e trinta vestes, caso os convidados conseguissem decifrar o enigma. Quando seu enigma foi revelado por traição, Sansão matou trinta homens de Asquelom para pagar a aposta. O número trinta é um dízimo profético de 300 e, em consonância

com os trezentos anos em que Enoque andou com Deus, as trezentas raposas que Sansão capturou e amarrou em cento e cinquenta pares se relacionam com as duas profecias de cinco meses de Apocalipse nove, que estão interligadas pela metodologia de linha sobre linha. Trezentos é um dízimo profético de três mil, e três mil representa um remanescente, seja um remanescente justo, representado pelos que se converteram no Pentecostes, seja um remanescente injusto, representado pelos que foram mortos pelos levitas na rebelião do bezerro de ouro.

Tanto a rebelião do bezerro de ouro quanto os convertidos no Pentecostes alinham-se profeticamente na iminente lei dominical. Um remanescente representa um remanescente do povo da aliança de Deus e um remanescente dentre aqueles que estão fora do aprisco do povo da aliança de Deus. A primeira referência a três mil no testemunho de Sansão diz respeito aos judeus que aprisionaram Sansão para apaziguar os filisteus, e a segunda, aos filisteus. O juízo começa pela casa de Deus e, em seguida, passa aos trabalhadores da undécima hora que ainda estão em Babilônia. O testemunho de Sansão confirma tanto o símbolo dos três mil como um remanescente quanto a sequência do processo do juízo. Enoque andou com Deus durante trezentos anos, representando, assim, o remanescente do povo da aliança de Deus que não experimenta a morte. Esse remanescente são os cento e quarenta e quatro mil que, no capítulo sete do Apocalipse, são contrastados com a grande multidão.

O dízimo de 300 é 30, que é o símbolo de um sacerdote; além disso, o número três, como dízimo de trinta, representa a Divindade, bem como a falsa divindade do dragão, da besta e do falso profeta. O três também representa a divisão tríplice da igreja triunfante, representada pelo rei Davi, que começou a reinar aos trinta anos de idade, pelo sacerdote José, que começou a servir aos trinta anos de idade, e pelo profeta e sacerdote Ezequiel, que iniciou seus vinte e dois anos de ministério no trigésimo ano do décimo sétimo ciclo jubilar. Como sacerdote, ele teria trinta anos de idade.

Cada uma das três entidades simbólicas representadas como profeta, sacerdote e rei recebe o selo de Deus do sábado do sétimo dia no marco que dá início ao cerco. Dois testemunhos de morte, juntamente com o testemunho secundário da destruição de Jerusalém no ano 66, fornecem três testemunhos de que o marco do cerco é um ‘sinal’.

O Marco da Transição

Quando o cerco começa, a tríplice igreja triunfante de Deus é selada, conforme representada por Lameque. A morte da esposa de Ezequiel indica que, nesse mesmo marco, o antigo povo da aliança é inteiramente preterido. Esse marco assinala a transição de Laodiceia para Filadélfia, também retratada como a transição da igreja militante para a igreja triunfante, tornando-se, assim, a oitava igreja, que é das sete. Esse marco, na história milerita do terceiro anjo, que se estendeu de 22 de outubro de 1844 até a rebelião de 1863, representou o período de 1856, quando tanto James quanto Ellen White começaram a identificar o movimento como laodiceano. Em 1856, o movimento milerita filadelfiano fez a transição para o movimento milerita laodiceano. Sete anos depois, o movimento milerita laodiceano chegou ao fim, quando o movimento se tornou a Igreja Adventista do Sétimo Dia laodiceana.

Esse marco também é tipificado pelo ano de 313, quando a igreja de Esmirna chegou ao fim e a igreja de Pérgamo teve início. Em conjunto, a transição de 1856 da justa Filadélfia para a injusta Laodiceia alinha-se com a transição da justa Esmirna para a injusta Pérgamo em 313, e o ponto de transição também identifica o marco como um sinal. O cerco começa com um sinal, com base em várias testemunhas. Quando o movimento do terceiro anjo, composto pelos cento e quarenta e quatro mil, é selado por ocasião da morte de Lameque, eles são selados e perfeitamente unidos ao serem erguidos como um estandarte, pois o primeiro marco da estrutura profética do cerco é um sinal.

A morte de João Paleólogo identifica o marco do islã, quando a Roma oriental é forçada à submissão pelo islã. O cerco e a destruição de Jerusalém fornecem duas testemunhas de Babilônia e de Roma. O período de um ano e meio de Ezequiel representa os laodiceanos que se recusaram a ver e ouvir a mensagem de advertência de que seriam levados ao cativeiro do rei do norte. O sinal de Céstio representa os filadelfianos que escapam do rei do norte. Esses dois sinais dizem respeito à mensagem profética interna, assim como o 777 de Lameque. Linha sobre linha, uma classe é levada ao cativeiro por ocasião do cerco, e a outra classe escapa da mão do rei do norte.

A morte de João Paleólogo representa a mensagem profética externa ao identificar o papel do islã no marco em que aqueles representados por Lameque são selados. Aqueles que escapam e aqueles que são capturados no cerco e na destruição de Jerusalém ressaltam que é no marco alfa do período profético do cerco que o caráter se manifesta. Essas duas classes são representadas pelos dois Lameques. Uma classe dirige uma advertência a Nashville, e a outra se recusa.

> E o Senhor lhe disse: Portanto, quem matar Caim sofrerá vingança sete vezes maior. E o Senhor pôs um sinal em Caim, para que ninguém que o encontrasse o matasse. Gênesis 4:15.

A marca da rebelião

Caim recebeu a marca de sua rebelião. A marca de sua rebelião era entendida como uma advertência à humanidade de que, se alguém matasse Caim, receberia o juízo sétuplo de Deus. Em certo sentido, a marca pode ser entendida como uma proteção concedida por Deus a Caim, mas, profeticamente, ela corresponde à marca de rebelião que serve de advertência no último livro da Bíblia. A marca da besta no livro ômega do Apocalipse foi tipificada pela marca da rebelião de Caim no livro alfa de Gênesis. A advertência implícita na marca de Caim é que todos os que manifestassem o mesmo caráter de Caim também seriam rejeitados e julgados por Deus. A marca em Caim corresponde à marca da besta, e a advertência enfatiza a ordem de não imitar a rebelião de Caim ao assassinar seu irmão, rebelião que, no Apocalipse, é representada como a imagem da besta. Imitar a ação de Caim é formar uma imagem de Caim. Caim recebeu um juízo executivo sétuplo e, na sexta geração a partir de Caim, Lameque reconheceu que havia repetido o pecado de seu pai, mas que seu juízo seria de sete vezes setenta.

> E disse Lameque às suas mulheres, Ada e Zilá: Ouvi a minha voz; vós, mulheres de Lameque, escutai as minhas palavras; pois matei um homem por me haver ferido, e um jovem por me haver machucado. Se Caim há de ser vingado sete vezes, certamente Lameque o será setenta e sete vezes. Gênesis 4:23, 24.

O versículo anterior constitui a primeira de apenas três ocorrências na Palavra de Deus em que os números são expressos em termos de multiplicação. A última é como a primeira.

> Então Pedro aproximou-se dele e disse: Senhor, até quantas vezes pecará meu irmão contra mim, e eu lhe perdoarei? Até sete vezes? Jesus lhe disse: Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete. Mateus 18:21, 22.

Setenta vezes sete são quatrocentos e noventa, e há três períodos de quatrocentos e noventa anos na história sagrada, cada um dos quais representa um período de graça. São representados quatrocentos e noventa anos para o santuário, para os reis e para o exército. O período dos reis começou com a unção de Saul em 1097 a.C. e estendeu-se até o primeiro cerco empreendido por Nabucodonosor, quando Daniel foi levado cativo em 607 a.C.

Os quatrocentos e noventa anos de tempo de graça concedidos ao santuário tiveram início com a dedicação do templo de Salomão, em 1006 a.C., e estenderam-se até a dedicação do templo pós-exílico, em 516 a.C. Quanto ao exército, os quatrocentos e noventa anos estenderam-se de 457 a.C. a 34 d.C.

A progressão que vai da mensagem de advertência de juízo sétuplo e da marca de Caim até o juízo de setenta vezes sete de Lameque representa um período probatório simbólico de quatrocentos e noventa anos. A rebelião representada pela marca de Caim é retratada como algo que se intensifica progressivamente, em consonância com a motivação de Deus para enviar o dilúvio.

> E viu Deus que a maldade do homem era grande na terra, e que toda a imaginação dos pensamentos de seu coração era só má continuamente. E arrependeu-se o Senhor de ter feito o homem na terra, e isso lhe entristeceu o coração. E disse o Senhor: Destruirei da face da terra o homem que criei, tanto o homem como os animais, os seres rastejantes e as aves dos céus; pois me arrependo de os ter feito. Gênesis 6:5–7.

O Lameque da sexta geração de Caim é apresentado como uma classe marcada de rebeldes, em contraste com o Lameque da linhagem de Sete. Os testemunhos de ambos os Lameques identificam um encerramento do tempo de graça: um pela expressão de 490, e o outro por sua morte. Ambos contêm um simbolismo numérico diretamente associado à constituição tríplice da igreja triunfante. O Lameque de Caim alinha-se com os três períodos de 490 anos referentes aos reis, ao santuário e ao exército, e o Lameque de Sete contém o selo do sete para o profeta, o sacerdote e o rei. O Lameque de Sete é o segundo dos três anjos de Apocalipse catorze, e o Lameque de Caim é o terceiro anjo, que apresenta a advertência acerca da besta, de sua imagem, da marca e do número de seu nome. Apocalipse catorze, nos versículos 9/11, identifica aqueles que recebem a maldição de Caim.

> E o terceiro anjo os seguiu, dizendo em alta voz: Se alguém adorar a besta e a sua imagem e receber a sua marca na testa ou na mão, também esse beberá do vinho da ira de Deus, que é derramado sem mistura no cálice da sua indignação; e será atormentado com fogo e enxofre na presença dos santos anjos e na presença do Cordeiro. E a fumaça do tormento deles sobe para todo o sempre; e não têm descanso, nem de dia nem de noite, os que adoram a besta e a sua imagem e todo aquele que recebe a marca do seu nome. Apocalipse 14:9–11.

Apocalipse 15:2 identifica aqueles que são representados por Lameque, da linhagem de Sete:

> E vi como que um mar de vidro misturado com fogo: e os que haviam alcançado a vitória sobre a besta, e sobre a sua imagem, e sobre a sua marca, e sobre o número do seu nome estavam de pé sobre o mar de vidro, tendo as harpas de Deus. Apocalipse 15:2.

O Lameque da linhagem de Sete assinala a porta fechada com sua morte. O Lameque da linhagem de Caim assinala a porta fechada ao fim de quatrocentos e noventa anos de tempo de graça. A marca de Caim deveria ser vista como uma advertência contra um caráter que manifestava três atributos proféticos principais. Ele se recusou a participar da adoração a Deus conforme a orientação de Deus; manifestou uma ira motivada pela inveja e assassinou seu irmão mais novo e, em terceiro lugar, recusou-se a se arrepender.

Caim havia transgredido a primeira tábua dos Dez Mandamentos, que define a relação da humanidade com Deus, e a segunda tábua define a relação dos seres humanos entre si. A marca de sua rebelião o identificava como transgressor da lei, sem arrependimento. Caim e Lameque assinalam a porta fechada do terceiro anjo por ocasião da iminente lei dominical. Enoque, Matusalém, Lameque e Noé representam a história que começa com a chegada do primeiro anjo, representado por Enoque, seguida pela chegada de Lameque como o segundo anjo e pela chegada de Matusalém como o clamor da meia-noite que confere poder à mensagem de Lameque, o segundo anjo; então, Noé, como o terceiro anjo, assinala a porta fechada do dilúvio.

Lameque morreu cinco anos antes do dilúvio, o que assinala os cinco anos simbólicos que antecedem o fechamento da porta por ocasião da iminente lei dominical. É por ocasião da morte de Lameque, aos 777 anos, que se completa o selamento da igreja triunfante. Então, sete dias antes de a porta da arca ser fechada sobrenaturalmente, os animais começaram a entrar na arca.

O dia em que Matusalém morreu foi o primeiro daqueles sete dias. A última advertência antes de a porta se fechar foi a dupla mensagem de uma apresentação visual de animais acompanhada do cumprimento de uma profecia que havia sido proclamada ao longo de toda a vida do homem mais longevo que já morreu. Essa profecia estava contida no nome de Matusalém, que significa ‘quando ele morrer, isso virá’.

A mensagem final de advertência à humanidade deve, por necessidade profética, ser uma mensagem dupla, conforme representada pelos sete dias de migração dos animais que tiveram início com a morte de Matusalém, em cumprimento da profecia de Enoque proclamada por meio do nome de seu filho. Os sete dias de migração dos animais identificam a mensagem dupla da morte de Matusalém e dos animais em migração como a mensagem de selamento do terceiro anjo. Jesus sempre ilustra o fim com o princípio, e, no Apocalipse, ao terceiro anjo de Apocalipse dezoito une-se a segunda voz do versículo quatro, assim como o clamor da meia-noite se uniu à mensagem do segundo anjo. A mensagem final de advertência é sempre apresentada como uma mensagem interna e externa, conforme representada pela relação profética entre as igrejas e os selos no livro do Apocalipse. A mensagem final de advertência em Daniel onze é a mensagem do norte e do oriente. Matusalém e os animais em migração foram a dupla mensagem final de advertência no tempo de Noé.

A morte de Lameque com a marca de 777 alinha-se com o início do cerco, quando morreu a esposa de Ezequiel. É nesse momento que os fiéis, representados pela linhagem de Sete, são selados, e é também nesse momento que aqueles representados pela linhagem de Caim recebem a marca. Enoque foi o sétimo depois de Adão e representa o marco alfa de um período que termina com tanto a última quanto a primeira geração representadas pelo número oito. Ambos os Lameques identificam o fim do tempo de graça, e a morte de Lameque representa o fechamento da porta da graça no início do cerco.

Enoque foi o alfa da história profética e deve, por necessidade profética, identificar um ômega da história profética. Esse ômega é representado pelas oito almas que passaram do velho mundo para o novo mundo sem provar a morte. Enoque e as oito almas não viram a morte antes de chegarem à nova terra. O velho mundo terminou nos sete dias de migração dos animais, e o novo mundo começou com sete dias sem chuva. Então, a partir do 17º dia, durante cinco meses não houve senão chuva, até que Deus conteve a chuva ao fim dos cinco meses, no décimo sétimo dia.

Cinco meses

Há duas testemunhas dos cinco meses em Apocalipse nove, e há três profecias de tempo distintas no capítulo. O primeiro período de cinco meses é apresentado no versículo cinco; o segundo período de cinco meses está no versículo dez, e os trezentos e noventa e um anos e quinze dias encontram-se no versículo quinze. Os versículos 5, 10 e 15 identificam a profecia de tempo do islã com duas testemunhas de cinco meses no início do período profético. Os versículos 5 e 10 identificam, ambos, um período de cinco meses; assim, linha sobre linha, o versículo cinco e o versículo dez somam quinze. Portanto, o primeiro período de cinco meses é 15, e os trezentos e noventa e um anos e quinze dias são apresentados no versículo 15. A sequência e a estrutura dos versículos 5, 10 e 15 identificam dois quinzes, e nos dois primeiros versículos, que juntos somam quinze, há duas profecias de tempo de cento e cinquenta anos.

O versículo quinze apresenta a profecia de tempo de trezentos e noventa e um anos e quinze dias. Cristo entreteceu o número quinze em três versículos e, utilizando o tempo profético estabelecido nesses mesmos versículos, Ele fez uma distinção quanto ao número 15, representado pela soma dos versículos cinco e dez, a fim de criar uma duplicação do quinze ao alinhá-lo com o versículo quinze. Então, Cristo encerrou todas as três profecias interligadas com quinze dias.

A chave do capítulo é a batalha de Nínive, em 627, seguida, cinco anos depois, em 632, pela morte de Maomé, com a qual se inicia a primeira profecia dos cinco meses. Dez anos após a morte de Maomé, os exércitos da Pérsia foram destruídos, em conformidade com a predição de Maomé de que as duas potências, Pérsia e Roma, seriam ambas derrotadas. O capítulo nove do Apocalipse começa, portanto, com uma linha histórica que se inicia na batalha de Nínive entre a Pérsia e Roma. Então, cinco anos depois, Maomé morre, dando assim início aos cento e cinquenta anos do versículo cinco. Dez anos depois, a Pérsia é derrotada na batalha de Nahavand, em 642. O islã chamou a batalha de Nahavand de “a vitória das vitórias”. Os primeiros quinze anos do capítulo nove do Apocalipse representam um período de cinco anos seguido de dez. A última profecia de tempo encerrou-se em 11 de agosto de 1840. Dez dias antes do acontecimento, Josiah Litch

publicou sua predição atualizada sobre a cessação da supremacia otomana. Os últimos quinze dias do islã no capítulo nove do Apocalipse são divididos, pelo trabalho de Josiah Litch, em cinco dias seguidos de dez dias, pois Jesus sempre ilustra o fim com o princípio.

Continuaremos a tratar desses assuntos no próximo artigo.